

ENSAIO

A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA FILOSOFIA COM O OBJETIVO DE ADESTRAMENTO SOCIAL

RENATO B. ROMAN *

DOI: <https://doi.org/10.52521/occursus.v9i1.13106>

RESUMO

Em 2008, a Lei nº 11.684 reintegrou a Filosofia como disciplina obrigatória no ensino médio. Entretanto, essa iniciativa, embora louvável à primeira vista, pode implicar um enfraquecimento da sua essência reflexiva e crítica. Nas salas de aula, a disciplina muitas vezes se limita a uma mera exposição histórica dos pensadores e escolas de pensamento, enquanto nas redes sociais, o reducionismo prevalece devido a fatores como likes, compartilhamentos e visibilidade. Este ensaio busca debater o impacto da obrigatoriedade da Filosofia no currículo escolar e sua apropriação como conteúdo nas redes sociais, tanto para fortalecer quanto para prejudicar sua natureza reflexiva e crítica.

PALAVRAS-CHAVE

Filosofia. Instrumentalização. Adestramento Social. Antonio Gramsci. Michel Foucault.

ABSTRACT

In 2008, Law No. 11,684 reinstated Philosophy as a mandatory subject in high school. However, this initiative, although commendable at first sight, may imply a weakening of its reflective and critical essence. In classrooms, the discipline is often limited to a mere historical exposition of thinkers and schools of thought, while on social networks, reductionism prevails due to factors such as likes, shares and visibility. This essay seeks to debate the impact of mandatory Philosophy in the school curriculum and its appropriation as content on social networks, both to strengthen and improve its reflective and critical nature.

KEYWORDS

Philosophy. Instrumentalization. Social Training. Antonio Gramsci. Michel Foucault.



Atualmente, a filosofia transcendeu os limites das academias e ganhou espaço nos círculos populares, tornando-se um assunto popular. Este fenômeno pode ser atribuído, em parte, à sua abordagem de questões fundamentais da existência humana, que ressoam com um público ávido por compreender o mundo ao seu redor e encontrar significado em suas vidas. Além disso, a disseminação da filosofia nas mídias sociais e na cultura popular contribuiu para sua popularização, tornando-a acessível a um público mais amplo.

Uma das maneiras pelas quais a filosofia se aproximou do grande público foi através de uma abordagem mais pragmática e voltada para a autoajuda. Muitos filósofos contemporâneos e influenciadores digitais reinterpretam os ensinamentos filosóficos tradicionais para aplicá-los a questões práticas da vida cotidiana, como relacionamentos, carreira e bem-estar mental. Essa abordagem pragmática e utilitária da filosofia atrai um público interessado em melhorar sua qualidade de vida e encontrar respostas para os desafios modernos.

Desta forma, a filosofia que outrora era fechada a um nicho intelectual ou acadêmico ganhou potencial mercadológico, à medida que se tornou um produto cultural e comercializado através

* Professor da rede pública estadual há 16 anos, formado em História, Geografia e Pedagogia, pós graduado em Ensino de Filosofia pela UFSCAR e atualmente mestrando do programa de Ensino e História das Ciências e Matemática pela UFABC.

de livros, palestras, cursos *online* e produtos de estilo de vida. Marcas e empresas frequentemente associam suas mensagens, *slogans* ou campanhas a princípios filosóficos, capitalizando o apelo da sabedoria antiga para atrair consumidores em busca de significado e autenticidade. Essa comercialização da filosofia levanta questões sobre sua integridade e autenticidade, mas também reflete o reconhecimento de seu valor no mercado contemporâneo.

A filosofia, intrinsecamente difusa e multifacetada, revelando-se ao longo da história do pensamento crítico como uma disciplina repleta de nuances e complexidades. Desde os primórdios da humanidade, a filosofia desempenhou um papel fundamental na busca pelo entendimento do mundo e da existência humana. Na antiguidade, filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles exploraram questões metafísicas, éticas e epistemológicas, estabelecendo os fundamentos da disciplina e influenciando profundamente o pensamento ocidental.

Além de seu papel na antiguidade, a filosofia também desempenhou um papel significativo na formação e desenvolvimento de sistemas religiosos ao longo da história. Muitas tradições religiosas foram moldadas por conceitos filosóficos, e vice-versa, resultando em uma interação complexa entre filosofia e religião. Por exemplo, na Grécia Antiga, filósofos como Heráclito e Parmênides exploraram conceitos como o logos e o ser, influenciando não apenas a filosofia posterior, mas também contribuindo para o desenvolvimento do pensamento religioso na região.

Ao longo da história muitos filósofos, inclusive defenderam a ideia de que a filosofia é uma capacidade inata ao ser humano, desta forma, podemos ver a filosofia no papel de pedra fundamental na evolução do pensamento humano, ao desafiar conceitos estabelecidos e questionar pressupostos fundamentais, muitas vezes revelando lacunas, contradições e incongruências nas estruturas sociais ou ideológicas. Por exemplo, a crítica filosófica à autoridade religiosa na Europa medieval foi fundamental para o surgimento da era do Iluminismo e para o avanço da ciência e da racionalidade.

Assim, a filosofia não apenas impulsiona o progresso intelectual, mas também serve como um catalisador para a mudança e a transformação social. No entanto, com a ascensão da indústria cultural e das redes sociais, a filosofia muitas vezes é reduzida a um mero produto de entretenimento ou de consumo rápido. Nesse contexto, seu sentido de reflexão pode ser esvaziado, pois é apresentada de forma superficial e simplificada para atender às demandas de uma audiência que busca gratificação instantânea.

A indústria cultural, com sua produção em massa de conteúdo, muitas vezes transforma a filosofia em um produto comercializável, adaptando seus conceitos complexos para uma linguagem acessível e de fácil consumo. Isso pode resultar na diluição do significado original dos conceitos filosóficos, deixando de lado sua profundidade e complexidade em prol da popularidade e do lucro.

Nas redes sociais, a filosofia é tratada de forma reducionista adequando-se a um modelo que preza pela velocidade de difusão dos conteúdos, citações breves e simplificadas, compartilhadas sem contexto ou aprofundamento. Essa fragmentação do conhecimento filosófico pode levar à distorção de seus significados originais e à perda da capacidade de reflexão crítica, pois as ideias são apresentadas de maneira isolada e descontextualizada.

Além disso, a busca por *likes*, compartilhamentos e seguidores nas redes sociais pode incentivar a superficialidade e a simplificação excessiva da filosofia, em detrimento da exploração aprofundada e da reflexão cuidadosa sobre seus temas. O foco na popularidade e na aceitação social pode desviar a atenção do verdadeiro propósito da filosofia, que é o questionamento e a busca pela reflexão.

O histórico da Filosofia como disciplina no ensino básico no Brasil, por exemplo, tornou-se uma verdadeira epopeia, ora considerada ‘desnecessária’, em outro momento esvaziada de suas características principais (aparecendo sob outro nome), e, por fim, obrigatória! A imposição da disciplina vai de encontro à sua essência libertária. Esta ressurgência heroica da Filosofia no panteão das disciplinas que moldam os adolescentes inconsequentes em cidadãos ‘exemplares’ carrega

consigo importantes informações que nos auxiliam a discernir o caráter de instrumentalização que este campo do conhecimento está sofrendo.

A época em que a Filosofia se estabeleceu como disciplina oficial no processo de formação cidadã foi marcada por uma sacralização da industrialização no país, um período de fortes tendências neoliberais que resultou em inúmeras privatizações e na chegada de multinacionais que, além de visarem a exploração do mercado consumidor, buscavam facilidades econômicas e mão-de-obra barata. Alinhando-se à estrutura clássica do capitalismo moderno, o Brasil na primeira década do século XXI assumiu seu papel na cadeia exploratória da mais-valia em nível global.

Apesar disso, o país ainda era profundamente tradicional, e os padrões culturais arraigados freavam o consumismo e contrastavam com a cultura de trabalho em um sistema dominado por uma burguesia controladora e exploradora. A moda, a indústria cultural, a televisão, o cinema e outras manifestações culturais contemporâneas são responsáveis por alterar a mentalidade, os padrões de vida e as diretrizes morais e conceituais que permeiam a vida em sociedade.

O objetivo é sempre o mesmo: como nosso estilo de vida, seja qual for, é baseado em bens materiais, a cada mudança segue-se uma lista interminável de produtos e nichos que ‘devem’ fazer parte de nosso mundo. A ascensão da internet e das redes sociais transformou radicalmente a indústria cultural, levando a uma diversificação sem precedentes dos produtos culturais disponíveis para consumo. Anteriormente, a disseminação da cultura estava muitas vezes limitada aos meios tradicionais de comunicação, como rádio, televisão e cinema. No entanto, com o advento da internet, qualquer pessoa pode criar, compartilhar e consumir uma ampla gama de conteúdos culturais instantaneamente, de forma global.

A velocidade da informação na era digital permitiu que os produtos da indústria cultural fossem distribuídos de forma mais rápida e ampla do que nunca. Plataformas de redes sociais como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *YouTube* se tornaram espaços onde artistas, criadores de conteúdo e empresas podem alcançar públicos vastos em questão de segundos. Isso resultou em uma explosão de diversidade cultural, com uma infinidade de formas de expressão artística, entretenimento e conhecimento disponíveis para consumidores de todo o mundo.

Frente a isso temos os educadores que conforme afirmado pelo professor Cortella, é simultaneamente um guardião das tradições, ao passo que também é um agitador que transpassa as barreiras. Assim, a escola é, ou deveria ser, o ambiente mais promissor da sociedade para alterar o *software*, os modos operantes, que moldam as possibilidades de ação no tecido social.

Nesse sentido, a consolidação da filosofia no quadro de disciplinas do Ensino Médio está inserida nas mudanças educacionais que buscam adaptar a população brasileira, especialmente as novas gerações, aos padrões neoliberais impostos sobre países conhecidos outrora como “em ascensão”, que nada mais são do que meios para a sustentabilidade de nações com padrões econômicos mais elevados.

Todas as disciplinas têm passado por esse processo de instrumentalização, quer seja sendo utilizadas como ferramentas da ideologia dominante, quer seja sendo esvaziadas para que se encerre o debate. O objetivo, quando não é tornar as disciplinas – especialmente as humanas – “inofensivas” do ponto de vista da dicotomia, é mascarar os problemas e as inquietações que emergem da sociedade através de debates superficiais, frequentemente seguindo a tendência dos temas escolhidos pelas grandes estruturas de disseminação de informação, os famosos *trending topics*.

Enquanto o caminho deveria ser o salientado por Gramsci em sua Filosofia da práxis, onde a escola aparece como aparato de formação e resistência contra a ideologia dominante, colocando-se contra e preparando seus alunos para combater o sistema. No entanto, como lembra o filósofo italiano, a escola pode ser tanto um ambiente revolucionário quanto reacionário, mantendo o *status quo*, porém o que vemos é um enfraquecimento da escola frente as novas e poderosas mídias digitais.

A escola ideal para Gramsci formaria um cidadão crítico capaz de intervir, criar e dirigir um sistema econômico, social e/ou político que desmantelasse a sociedade de classes. A conscientização proletária, que levaria à organização rumo ao socialismo, nasceria no seio da escola, conforme sua

idealização. A escola que temos hoje assemelha-se mais ao panóptico tão bem analisado por Foucault em sua obra “A Microfísica do Poder”. Nesse mesmo texto, Foucault compara escolas e prisões, colocando-as ambas no rol das instituições disciplinadoras que buscam o adestramento social das massas, seja por indução filosófica, seja por punição.

Como ele escreve: “Mas nunca a disciplina foi tão importante, tão valorizada quanto a partir do momento em que se procurou gerir a população. E gerir a população não queria dizer simplesmente gerir a massa coletiva dos fenômenos ou geri-los somente ao nível de seus resultados globais” (Foucault, 1979, p. 171). Não é incomum ouvirmos comentários sobre a disciplina nas escolas por toda a sociedade, e sobre como os jovens de hoje em dia não se conformam com os padrões de moralidade e educação de antes. Em alguns casos, ouvimos até mesmo vozes e manifestações em favor do retorno da ditadura militar para disciplinar nossa juventude atual.

O avanço rápido e brutal do capitalismo, com suas inúmeras mutações, tem causado danos quase irreparáveis às novas gerações e minado fatalmente a potência revolucionária que Gramsci atribuiu à escola. Num esforço, até certo ponto, significativo dos docentes em busca de uma maior criticidade, tanto por parte deles mesmos quanto do corpo discente, nos últimos anos – pelo menos em nível microrregional – iniciativas e projetos têm resgatado uma pequena porcentagem da efervescência dialética da escola em relação à sociedade.

No entanto, como Marx afirmou em seu “Manifesto do Partido Comunista” de 1848, o capitalismo é um sistema que sobrevive por ser mutante, e abaixo dele existe uma cadeia irregular e extensa de relações que fogem até mesmo dos padrões econômicos da época de Marx e Engels. Esta cadeia é responsável por flexionar e modificar ações para manter viva a ideologia em todos os pequenos ambientes, microfísica do poder, e ressignificar as mais revolucionárias pedagogias.

Como dito no começo a obrigatoriedade da Filosofia e seu engaste no seio das disciplinas responsáveis pela formação das gerações brasileiras já se torna *a priori* um processo de delimitação, rastreamento e esvaziamento. Todos os debates, discussões, sugestões de leitura ou tentativas de diálogo entre o docente e seu grupo de sujeitos parece tacanho e enfadonho, isso muda quando é utilizado o tema que está em voga na mídia, sendo assim, sobre a égide da mídia burguesa o docente tem que desenvolver seu trabalho, quando em raros casos consegue construir uma opinião uníssona a com o grupo discente, não raro, essa foi erigida sobre o conceito já lançado pela mídia.

Embora a disseminação da filosofia através das redes sociais possa aumentar sua acessibilidade e despertar o interesse de um público mais amplo, também corre o risco de distorcer seus significados originais e de diluir sua profundidade em prol da viralidade e do entretenimento superficial. Frases de filósofos são frequentemente retiradas de seus contextos filosóficos mais amplos, perdendo assim parte de sua riqueza e complexidade.

Por isso, é importante reconhecer tanto os benefícios quanto os desafios que a diversificação dos produtos da indústria cultural traz consigo na era digital. Enquanto a internet e as redes sociais proporcionam oportunidades sem precedentes para a disseminação da cultura, também é crucial promover uma abordagem crítica e reflexiva ao consumo de conteúdo cultural, especialmente quando se trata de áreas complexas como a filosofia.

No olho do furacão, o educador passo por um esvaziamento e uma reorientação social, não podendo mais defender suas posturas, aos poucos os docentes perderam o limiar entre o padronizar e o libertar, sem referencial teórico os professores tendem a se tornarem emissários da educação bancária. Isolados em seu mundo de ‘criticidade’ própria, muitas vezes se exacerbando como superior ou não entendendo seu papel social, se limitando diante de seus alunos, os docentes tornam-se propagadores do que acreditam ser o melhor, se alienam da realidade e transmitem seu conteúdo, seus preconceitos, suas vicissitudes, seus cabrestos.

Isso é uma completa irresponsabilidade, tanto como cidadão tanto quanto como educador, Paulo Freire um pensador altamente capaz de fomentar o pensamento crítico nos docentes buscavam sempre discutir essa questão, como no trecho a seguir

Não devo julgar-me, como profissional, “habitante” de um mundo estranho; mundo de técnicos e especialistas salvadores dos demais, donos da verdade, proprietários do saber, que devem ser doados aos “ignorantes e incapazes”. Habitantes de um gueto, de onde saio messianicamente para salvar os “perdidos”, que estão fora. Se procedo assim, não me comprometo verdadeiramente como profissional nem como homem. Simplesmente me alieno. (Freire, 2007, p. 10).

Enquanto tudo que está relacionado a educação no país não partir da realidade concreta não existirá significado nem nos conteúdos, nem nas falas docentes, nem nas reformas pedagógicas, no país existe uma população que precisa se entender no mundo e com o mundo, citando mais uma vez Paulo Freire. Os nosso aluno precisam de um momento para pensar e não para serem encharcados de ideologia, precisam de um mediador alguém que abra a porta, ou que diga que eles já estão dentro não de alguém para marcar o compasso da dominação intelectual, econômica e social.

O caminho docente é o de encontra contradições, erros no discurso oficial de que está tudo bem, no caso do docente que trabalha com a filosofia é dele a missão de fazer pensar muito além das verdades forjadas e dos sonhos ideológicos.

O caminho docente é o de encontra contradições, erros no discurso oficial de que está tudo bem, no caso do docente que trabalha com a filosofia é dele a missão de fazer pensar muito além das verdades forjadas e dos sonhos ideológicos. Evidentemente, não precisamos aguardar que a ideologia se esgote por si mesma, graças à contradição, mas trata-se de encontrar uma via pela qual a contradição ideológica se ponha em movimento e destrua a construção imaginária. (Chauí, 1989, p. 22).

BIBLIOGRAFIA

CHAUI, Marilena. **O que é ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

NOSELLA, Paolo. **A escola de Gramsci**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SEMERARO, Giovanni. **Gramsci e os novos embates da Filosofia da Práxis**. Aparecida, São Paulo: Idéias & Letras, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Tradução Moacir Gadotti; Lílian Lopes Martin. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

